



ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DE COLHEITAS

ECPC

O Estado das Culturas e Previsão das Colheitas (ECPC) é um projeto mensal que visa a recolha e disponibilização de informação de carácter previsionar, relativamente a áreas, rendimentos e produções das principais culturas.

Unidade Agroalimentar e Licenciamento

DADR – Divisão Agroalimentar e
Desenvolvimento Rural

Quinta das Oliveiras, E.N.3 – 2000-471 Santarém

Telefone: 243 377 500

geral@ccdr-lvt.pt

www.ccdr-lvt.pt



SETEMBRO 2024



Estado do tempo e sua influência na agricultura em geral

No **Oeste** registou-se variabilidade térmica nas temperaturas máximas ao longo do mês. De acordo com os dados recolhidos nas três estações do IPMA presentes nesta região (Torres Vedras/Dois Portos, Alcobaça e Santa Cruz (Aeródromo)), o período mais quente ocorreu entre os dias 13 a 19, com temperaturas máximas maioritariamente acima de 30°C e registo de valor máximo de 37,1°C no dia 16 na estação de Torres Vedras/Dois Portos. Durante o resto do mês as temperaturas foram mais amenas, com os valores máximos situados no intervalo de 20°C a 30°C. No dia 5 foi registado o valor mínimo de 18,7°C de temperatura máxima na estação de Santa Cruz (Aeródromo). A temperatura máxima média foi de 25,9°C na estação de Torres Vedras/Dois Portos, de 25,8°C na estação de Alcobaça e de 22,0°C na estação de Santa Cruz (Aeródromo). O valor médio da temperatura máxima situou-se 0,15°C acima da média considerando o intervalo de tempo entre os anos 1971-2000, de acordo com os registos obtidos para a estação de Alcobaça.

As temperaturas mínimas também apresentaram variabilidade ao longo de todo o mês. Oscilaram entre 7,0°C no dia 29, registados na estação de Alcobaça e 19,5°C no dia 25, registados na estação de Torres Vedras/Dois Portos. A temperatura mínima média foi de 13,7°C na estação de Torres Vedras/Dois Portos, de 12,2°C na estação de Alcobaça e de 13,2°C na estação de Santa Cruz (Aeródromo). O valor médio da temperatura mínima situou-se 0,20°C acima da média considerando o intervalo de tempo entre os anos 1971-2000, de acordo com os registos obtidos para a estação de Alcobaça.



Ao longo do mês os registos nas três estações seguiram uma tendência semelhante, com valores superiores na estação de Torres Vedras/Dois Portos, embora bastante próximos aos da estação de Alcobaça e significativamente inferiores na estação de Santa Cruz (Aeródromo).

Quanto à precipitação, ocorreram episódios isolados de chuva fraca ou chuviscos até ao dia 23. Entre os dias 24 a 26, registou-se precipitação com algum significado. Na estação de Torres Vedras/Dois Portos registaram-se cinco dias com precipitação e um valor acumulado no mês de 17,6mm, sendo do dia 24 o registo mais significativo com 9,4mm. Na estação de Alcobaça registaram-se sete dias com precipitação e um valor acumulado no mês de 29,2mm, sendo do dia 26 o registo mais significativo com 14,3mm. Na estação de Santa Cruz (Aeródromo) registaram-se sete dias com precipitação e um valor acumulado no mês de 16,9mm, sendo do dia 24 o registo mais significativo com 7,7mm. A precipitação acumulada no mês é 7mm inferior ao valor médio para a época considerando o intervalo de tempo entre os anos 1971-2000, de acordo com os registos obtidos para a estação de Alcobaça.

No final do mês os níveis de água no solo eram ligeiramente inferiores aos verificados no mês anterior. A 30 de setembro mais de 80% da região situava-se no índice de capacidade de solo CC [21-40]. Uma mancha implantada nos concelhos de Caldas da Rainha e Alcobaça, apresentava o índice CC [41-60] e duas manchas apresentavam o índice CC [11-20], uma implantada nos concelhos de Alcobaça e Nazaré e outra nos concelhos de Arruda dos Vinhos, Alenquer e Cadaval.

A humidade relativa do ar apresentou valores máximos predominantemente superiores a 90% nas três estações. O valor mínimo foi de 12%, registado na estação de Alcobaça no dia 16. De acordo com os registos das estações, o valor médio da humidade relativa do ar foi de 73% em Torres Vedras/Dois Portos, 74% em Alcobaça e 86% em Santa Cruz (Aeródromo).

Ao longo do mês predominaram os dias de céu pouco nublado ou limpo, com períodos de maior nebulosidade nas zonas mais junto ao litoral, intercalados por dias de muita nebulosidade, e pela ocorrência frequente de neblinas ou nevoeiros matinais, mais junto à faixa costeira, embora menos persistentes do que no mês anterior.

O mês apresentou-se ventoso, embora menos do que o anterior. Foram registados quinze dias na estação de Torres Vedras/Dois Portos com rajadas superiores a 40km/h, quatro dias na estação de Alcobaça e sete dias na estação de Santa Cruz (Aeródromo). As rajadas máximas, de 70,2km/h, foram registadas no dia 11 na estação de Torres Vedras/Dois Portos.

No final do mês podia considerar-se normal para a época a disponibilidade de água para rega e para o abeberamento de animais. Embora tenha sido identificada escassez de água em culturas mais exigentes, é, no entanto, menos acentuada do que no ano anterior devido à precipitação mais abundante na primavera.

Quanto à influência do tempo sobre as principais culturas, nas vinhas (vinho) as condições climatéricas de humidade relativa elevada, causada pelas neblinas e alguma precipitação, associadas a temperaturas amenas, acentuaram a incidência de doenças criptogâmicas, que prejudicaram a quantidade e a qualidade da produção, no entanto o vento terá tido um efeito favorável na secagem da humidade nas vinhas mais expostas a este fator, evitando a progressão das doenças, designadamente da podridão cinzenta. Na produção de uva de mesa a humidade relativa elevada e a precipitação ocorrida, acentuaram a incidência de podridão cinzenta, bem como a presença de mosca da fruta (*Ceratitis capitata*) e de cigarrinha verde, com alguma perda de qualidade da produção. Nas



pomóideas, em fase de colheita, o estado do tempo não afetou a produção. No olival foi favorável o estado do tempo. Na batata de regadio a intensidade do vento que se fez sentir, continuou a provocar situações de quebra da parte aérea das plantas, cujas lesões mais próximas do solo originaram o surgimento de focos de podridão mole nos tubérculos. A humidade atmosférica elevada e as temperaturas amenas favoreceram a incidência de alternaria e de míldio. O estado do tempo foi bom para a cultura do milho, embora a chuva ocorrida entre os dias 24 a 26 tenha atrasado a colheita das searas mais adiantadas, devido ao aumento de humidade no grão. A chuva ocorrida no final do mês poderá vir a provocar acama nas searas de arroz, diminuindo a qualidade do grão e o rendimento industrial da cultura por aumento da quantidade de trinca. Nas hortícolas de ar livre, o estado do tempo foi favorável para as brássicas e para as cenouras, quer nas searas que se encontravam em colheita ou prontas a colher quer nas recentemente instaladas, uma vez que estas culturas beneficiam com o tempo húmido e temperaturas amenas. Nas hortícolas em estufa as condições atmosféricas não influenciaram negativamente as culturas, que decorreram com a regularidade habitual.

No **Médio Tejo** as condições climatéricas caracterizaram-se por alguma instabilidade atmosférica com variabilidade de amplitudes térmicas ao longo do mês, descida das temperaturas mínimas e humidade relativa média um pouco mais alta.

Registaram-se os valores mais elevados de temperatura máxima a meio do mês, entre os dias 15 e 16 de 37,9°C e 37,1°C, respetivamente nas estações meteorológicas de Tomar/Vale Donas e de Alvega/Abrantes. As temperaturas máximas mais baixas, respetivamente de 23°C e 24°C, foram registadas nos dias 24 e 27, nas mesmas estações meteorológicas. As temperaturas mínimas apresentaram valores pouco estáveis, registando-se os valores mais elevados no dia 25, de 18,9°C e 19,2°C, respetivamente nas estações meteorológicas de Tomar/Vale Donas e de Alvega/Abrantes. Os valores mais baixos registaram-se no dia 7, de 6,3°C na estação meteorológica de Tomar/Vale Donas e no dia 28, de 4,9°C na estação meteorológica de Alvega/Abrantes.

No decurso do mês ocorreram registos de precipitação em ambas as estações meteorológicas. Na estação de Tomar/Vale Donas registaram-se cinco dias com precipitação (dias 19 e 24 a 27) com valor de 28,1mm de precipitação acumulada, registando-se no dia 26 o valor mais significativo de 14,4mm. Na estação de Alvega/Abrantes registaram-se seis dias com precipitação (dias 19, 20 e 24 a 27) com valor de 15,7mm de precipitação acumulada, abaixo do normal para a época (29,6mm), registando-se no dia 26 o valor mais significativo de 9,9mm.

No final do mês o teor de água no solo situou-se maioritariamente no intervalo CC [21-40], verificando-se, no entanto, na zona sul da região que abrange parte dos concelhos de Abrantes, Constância, Vila Nova da Barquinha, Entroncamento, Torres Novas e Tomar, índices de água no solo situados nos intervalos CC [11-20] e CC [1-10], assim como, a norte do concelho de Ourém, se registaram valores situados no intervalo CC [11-20].

A humidade relativa registada na estação meteorológica de Tomar/Vale Donas oscilou entre 35% e 92%, sendo a média do mês de 68% e na estação meteorológica de Alvega/Abrantes oscilou entre 33% e 92%, sendo a média do mês de 65%.

Durante a primeira metade do mês os dias decorreram essencialmente com pouca nebulosidade ou com céu limpo, verificando-se a partir do dia 19, períodos de muita nebulosidade.



O vento soprou em geral fraco ou moderado na região (30 a 45km/h), no entanto, na estação meteorológica de Tomar/Vale Donas foram registadas rajadas máximas de 49,7km/h e 50,8Km/h, nos dias 2 e 12.

Durante este mês não foram sinalizadas situações de escassez na disponibilidade de água quer para rega quer para o abeberamento de animais.

Quanto à influência do tempo sobre as culturas, no que respeita aos olivais tradicionais, o tempo seco ocorrido ao longo do mês não teve um impacto significativo na cultura, salientando-se apenas o efeito da precipitação ocorrida na região em meados do mês que contribuiu para a hidratação da azeitona e das oliveiras. Nos olivais intensivos o estado do tempo não surtiu um impacto negativo na cultura. Acresce o efeito da descida de temperatura e o surgimento de humidade noturna na intensificação do ataque de mosca da azeitona. No que respeita às figueiras, a produção de figos vindimos na cultivar “pingo de mel” foi afetada pelos aguaceiros no início do mês (zonas pontuais da região) e pelas chuvas mais fortes ocorridas em meados do mês, tendo a humidade provocado pequenas manchas pretas na superfície da epiderme, desvalorizando os figos desta cultivar em fresco e em seco. No limão as variações térmicas ocorridas ao longo do mês contribuíram para a maior incidência de pragas, em especial de lagarta mineira. Nas pastagens permanentes de sequeiro as chuvas ocorridas no final do mês permitiram o início de novos ciclos vegetativos. Na vinha (vinho) em determinadas zonas da região, as temperaturas mínimas mais baixas e o vento impediram o amadurecimento dos cachos das uvas tintas e as videiras entraram em fase descendente, como se fosse na época outonal.

Na **Lezíria do Tejo** a temperatura média diária no mês foi de 20,5°C, variando entre 17,5°C no dia 6 e 26,7°C no dia 16. A temperatura máxima mais baixa registada foi 23,1°C no dia 24. O valor mais elevado de temperatura máxima, de 37,1°C, foi registado no dia 15. A média das temperaturas máximas foi de 28,7°C. A média da temperatura mínima situou-se em 15°C, apresentando o valor mais baixo de 9,4°C no dia 28 e o mais elevado, de 19,7°C, no dia 14.

Registaram-se quatro dias com precipitação e um valor acumulado no mês de 15,4mm, sendo do dia 26 o registo mais significativo com 8,3mm.

A humidade relativa oscilou entre 25% e 92%, com uma média de 64%.

O vento soprou em geral fraco a moderado, com maior intensidade nos dias 2 e 12. No dia 12 registou-se a rajada máxima de 53,6km/h.

No **Baixo Sorraia** a temperatura média diária no mês foi de 20,1°C, variando entre 16°C no dia 28 e 23,5°C no dia 16. A temperatura máxima mais baixa registada foi 24,2°C no dia 27, sendo o dia 16 o mais quente do mês com 37,2°C. A média das temperaturas máximas foi de 29,5°C. Relativamente à temperatura mínima, registou-se o valor médio de 12,4°C. No dia 29 a temperatura mínima mais baixa foi de 5,9°C, verificando-se no dia 25, o valor de 20,3°C, de temperatura mínima mais elevada.

Registaram-se cinco dias com precipitação e um valor acumulado no mês de 9,2mm, sendo do dia 26 o registo mais significativo com 7,6mm.

A humidade relativa oscilou entre 50% e 94%, com uma média de 72%.



O vento soprou em geral fraco a moderado, com maior intensidade nos dias 12 e 26. No dia 12 registou-se a rajada máxima de 45,7km/h.

Quanto à influência do estado do tempo sobre as culturas verificou-se no trigo mole uma diminuição de qualidade, sobretudo devido às chuvas ocorridas imediatamente antes da colheita. No tomate a precipitação no período de 24 a 26 de setembro levou a alguma interrupção das colheitas, sendo retomada a normalidade assim que o tempo permitiu, sem ocorrências de perdas totais de parcelas. Nos citrinos, nomeadamente na laranja, as árvores ressentiram-se das temperaturas elevadas no final de agosto, recuperando, entretanto com as últimas chuvas.

Na **Grande Lisboa** as temperaturas máximas assinalaram oscilações relativamente à média (26,2°C), tendo sido registados os valores mais elevados nos dias 4 e 16 com 29,4°C e 35,9°C, respetivamente. No que respeita à temperatura mínima (com valor normal para a época de 17,3°C), houve registo da temperatura mínima mais baixa de 12,9°C no dia 28.

Neste mês foram registados 10,8mm de precipitação acumulada na estação meteorológica de Lisboa, com ocorrência de precipitação entre 4,7mm no dia 24 e 5,5mm no dia 26.

No decorrer do mês mantiveram-se os valores do teor de água no solo, com os níveis de saturação no índice CC [21-40].

Na estação meteorológica de Lisboa a humidade relativa média oscilou entre 22% e 94%, sendo a média no mês de 62%.

Os dias foram maioritariamente caracterizados por nebulosidade matinal.

No que respeita ao vento, este esteve geralmente fraco a moderado.

Não se registaram faltas de água para a rega nem para o abeberamento de animais.

Quanto à influência do estado do tempo sobre as culturas, nas vinhas (vinho) registaram-se alguns casos de podridão cinzenta causada pelo fungo *Botrytis cinerea*, devido aos valores elevados para a época de humidade relativa e temperaturas. No limoeiro, as condições climáticas foram propícias ao aumento de incidência de traça, antracnose e alternariose. No que diz respeito ao tomate para indústria, a chuva ocorrida no final de setembro contribuiu para um aceleração da maturação, sem incidência de estragos na cultura. No girassol a precipitação ocorrida nos últimos dias contribuiu, apesar de residualmente, para uma humidade excessiva da planta.

Na **Península de Setúbal** as temperaturas mais elevadas foram registadas em meados do mês, concretamente entre os dias 13 e 17, sendo que os períodos inicial e final do mês decorreram com temperaturas próximas do normal para a época. Relativamente às temperaturas máximas ocorridas na região, o valor mais elevado foi de 38,4°C no dia 16, registado na estação meteorológica de Alcochete/Campo de Tiro e o valor mínimo foi de 22,6°C no dia 25 na estação de Pegões. Os valores das temperaturas mínimas não registaram grandes oscilações ao longo do mês. Foi registado o valor mais elevado da temperatura mínima de 20,6°C no dia 25 na estação de Alcochete/Campo de Tiro e o valor mais baixo de 6,5°C no dia 28, também nesta estação.



O mês decorreu seco na região, registando-se precipitação essencialmente entre os dias 24 e 27, sendo os valores mais elevados registados na estação de Pegões, com o total mensal de 12,7mm, o que corresponde a 48% do normal para a época na região. Nas estações de Setúbal e de Alcochete/Campo de Tiro os valores de precipitação total mensal foram de 9,5mm e 6,3mm, respetivamente. O valor diário mais elevado ocorreu na estação de Pegões, com 6,8mm no dia 26.

No final do mês os valores do teor de água no solo diminuíram relativamente ao mês anterior, principalmente nas regiões mais interiores, sendo que já se registavam níveis de saturação de água no solo correspondentes ao ponto de emurchecimento permanente (PEP) <1 em zonas dos concelhos de Montijo e Palmela. A maior parte das áreas dos concelhos da região registavam índice CC [1-10]. Nas regiões mais costeiras da zona oeste, os níveis de saturação de água no solo situavam-se essencialmente no índice CC [11-20]. No final deste mês não se registavam áreas no índice CC [21-40].

A humidade relativa oscilou entre 34% e 100% na estação meteorológica de Alcochete/Campo de Tiro, 45% e 100% na estação meteorológica de Pegões e 33% e 94% na estação meteorológica de Setúbal, sendo a média no mês de respetivamente 66%, 74% e 66% nas três estações.

Os dias decorreram com céu pouco nublado ou limpo, com exceção para os dias 19 a 27, que corresponderam também ao período de precipitação já referida.

O vento soprou em geral fraco a moderado. Foram registados valores de rajada máxima de vento de 50,0km/h no dia 11 na estação de Alcochete/Campo de Tiro, de 46,4km/h no dia 26 na estação de Pegões e de 54,7km/h no dia 11 na de Setúbal.

Durante o mês não se verificaram situações de escassez na disponibilidade de água para rega e para o abeberamento de animais.

Conforme referido em relatórios anteriores, as condições climatéricas verificadas ao longo desta campanha, nomeadamente os elevados valores de precipitação que ocorreram em fevereiro e março, tiveram consequências nas sementeiras e plantações, bem como no desenvolvimento vegetativo das culturas da vinha, milho, arroz, tomate indústria e batata. Na sequência das trovoadas ocorridas no final de julho verificaram-se ataques de míldio em alguns campos ocupados com a cultura de tomate para a indústria. No amendoal, a falta de horas de frio que se verificou na região, com consequências na floração, bem como a precipitação ocorrida na primavera, com as amendoeiras em floração, que provocou muita queda de flor, levaram à diminuição de frutos vingados e consequentemente ao decréscimo da produção relativamente à campanha anterior.



Fitossanidade: pragas e doenças; intensidade e frequência dos ataques; oportunidade e eficácia dos tratamentos efetuados; prejuízos causados para além do normal

Oeste

Nas vinhas (vinho) continuou a sentir-se uma forte presença de doenças, principalmente de podridão cinzenta nos cachos causada pelo fungo *Botrytis cinerea* que se acentuou relativamente



ao mês anterior, embora de incidência variável. O míldio também continuou a manifestar-se, mas nesta fase do ciclo cultural já não interferiu na produção.

Nas vinhas (uva de mesa) os problemas fitossanitários acentuaram-se comparativamente ao mês anterior. Em termos de pragas, a mosca da fruta (*Ceratitis capitata*) e a cigarrinha verde, ambas com incidência fraca no mês de agosto, exerceram uma forte pressão em setembro. Em termos de doenças, ao longo do mês continuaram a verificar-se infeções de míldio nas folhas e presença, com alguma expressão, de podridão cinzenta nos cachos. Foram realizados tratamentos, que se revelaram eficazes.

Nas pomóideas, no que respeita à produção de peras, tal como já avançado no mês precedente, houve uma forte incidência de estenfiliose nas duas semanas anteriores à colheita, fazendo baixar fortemente as estimativas de produção. O fogo bacteriano que se manifestou com bastante agressividade durante a presente campanha, com diferente intensidade e severidade entre pomares, é um problema fitossanitário muito preocupante e que tem levado nos últimos anos a perdas de produção, bem como à realização de limpezas muito exigentes que poderão ser responsáveis pela redução da área produtiva da cultura na ordem de 5%. A campanha foi ainda marcada pela presença de pedrado, psila, bichado e mosca da fruta, que não se revelou preocupante e tendo sido controlada com a realização de tratamentos fitossanitários. No que respeita à produção de maçãs, nos pomares das variedades do grupo Gala registaram-se alguns problemas de alternaria ao nível das folhas e frutos e de glomerella (*Glomerella cingulata*) nas folhas. No caso das cultivares do grupo Fuji o principal problema foi o pulgão lanígero.

No olival houve problemas com a presença de gafa, causada pelo fungo *Colletotrichum spp.* Os tratamentos fitossanitários revelaram-se eficazes, tendo permitido controlar a doença. Verificou-se presença de mosca-da-azeitona (*Bactrocera oleae Gmel*) ao longo do ciclo da cultura, com ataques de intensidade forte que causaram muita queda de azeitona com prejuízos muito significativos na produção. O controlo desta praga tem-se revelado difícil, exigindo a realização de tratamentos frequentes.

Na cultura do milho (regadio) não ocorreram problemas fitossanitários relevantes. Foram identificadas perdas de produção por estragos causados pela presença de javalis em algumas searas, com maior significado em zonas mais afastadas da orla marítima.

Na batata de regadio continuou a verificar-se alguma incidência de alternaria e de míldio devido às condições de elevada humidade atmosférica e temperaturas amenas. Continuou a verificar-se alguns focos de podridão mole nos tubérculos devido a lesões na parte aérea das plantas junto ao solo, provocadas pela intensidade do vento.

Na cultura do arroz não se verificaram problemas fitossanitários relevantes. As incidências de doenças e pragas, bem como de infestantes (principalmente milhã e arroz selvagem) não foram preocupantes, tendo sido controladas com a realização de tratamentos, que se revelaram eficazes.

No Baixo Oeste a cultura do tomate para indústria decorreu sem problemas fitossanitários significativos.



Nas hortícolas de ar livre, as plantações de brássicas realizadas em julho e agosto encontravam-se em colheita. Ocorreram ataques de lagarta e piolho, de intensidade média/baixa. Foram realizados tratamentos que se revelaram eficazes.

Nas hortícolas em estufa foram identificados no tomate, focos de *Tuta absoluta* e mosca branca de intensidade média/alta, bem como de problemas de podridão cinzenta de baixa intensidade. Houve necessidade de realizar tratamentos que se revelaram eficazes, sem ocorrência de prejuízos além do normal.

Médio Tejo

Nos olivais mantiveram-se ataques de mosca da azeitona, com intensidade inicialmente média, agravada ao longo do mês pelo efeito da descida de temperatura e aparecimento de humidade noturna.

Nas figueiras, a principal praga continua a ser a mosca da fruta (*Ceratitis capitata*) com uma intensidade considerável principalmente na cultivar “pingo de mel”, devido à cor do figo.

Nas nogueiras encontravam-se controlados os ataques de cigarrinha. Ao longo do mês continuou a registar-se a presença de piolho com intensidade fraca. Tendo em conta a proximidade da colheita, considerou-se não ser oportuno o tratamento. Foram evidenciados também estragos provocados por javalis nestes pomares, espezinhando e deslocando as fitas de rega.

Nos amendoais mantiveram-se os ataques de ácaros e evidência de ferrugem, sem representarem grande perigo para a cultura que se encontrava no final da colheita, considerando-se não oportuno proceder a tratamentos.

Nos pomares de limão continuaram a registar-se ataques de lagarta mineira ao longo do mês, com intensidade forte, especificamente na nova rebentação de folhas.

Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia

Nas vinhas (uva de mesa) a mosca da fruta (*Ceratitis capitata*) apresentou-se com uma forte pressão. Em termos de doença a podridão cinzenta manifestou-se com alguma expressão e o míldio na folha continuou a provocar infeções.

Nos citrinos (laranja) também ocorreram ataques de mosca da fruta. Foram feitos tratamentos com necessidade de continuar a monitorização durante o mês de outubro, pois estão previstas temperaturas ideais para a proliferação desta praga.

No olival continuaram a verificar-se focos de mosca da azeitona, com influência no amadurecimento precoce e queda de alguns frutos, sobretudo em olivais que não foram alvo de tratamentos fitossanitários.

No tomate para indústria confirmou-se o aumento da pressão de *Tuta absoluta* no decorrer do mês que impactou nas produtividades, mas sem ocorrências de perdas totais.



Grande Lisboa

Nas vinhas (vinho e uva de mesa) as ocorrências de míldio e oídio, identificadas em meses anteriores, afetaram algumas castas com focos de podridão cinzenta causada pelo fungo *Botrytis cinerea*, o que se traduziu numa quebra de qualidade dos cachos. Registaram-se fracos ataques de *Ceratitis capitata* (mosca da fruta), assim como a presença de cicadelídeos (cigarrinha verde), cujos níveis se mantiveram baixos.

Nos limoeiros registou-se incidência de traça e desenvolvimento de antracnose, provocada por fungos do género *Colletotrichum* que levam à queda prematura de frutos, e alternariose (*Alternaria citri* ou podridão negra) que afeta sobretudo as folhas.

No milho de regadio os ataques de lagarta e de cicadelídeos estiveram presentes, mas controlados.

No arroz as infestações de milhãs (*Echinochloa*) e de *Pyricularia grisea* (fungo do arroz) apesar de existentes consideraram-se controladas, resultado dos tratamentos efetuados em meses anteriores.

No tomate para indústria destacaram-se nalgumas áreas ácaros e mosca branca, para os quais foram efetuados os devidos tratamentos que asseguraram o controlo da situação. Nas áreas em final de colheita a *Tuta absoluta* surgiu com maior evidência e mais difícil de controlar.

A presença de javalis nas searas, sobretudo de milho e girassol, é já considerada uma praga preocupante, cuja destruição das plantas por espezinhamento foi consideravelmente nefasta.

Península de Setúbal

Na vinha (vinho), os estragos provocados por míldio foram muito elevados, com consequente quebra na produção. A traça da uva não se verificou muito expressiva. Relativamente à incidência de ataques da lagarta referida no relatório anterior, foi identificada como tratando-se do inseto *Cryptoblabes gnidiella*, que provocou grandes estragos, essencialmente nas castas tintas, por ataque em todo o cacho, com consequência no menor peso obtido. Também se verificou a menor nascença de cachos, logo, menor produção. Os ataques de cigarrinha verde foram mais tardios que os verificados em anos anteriores, com maior incidência em agosto e em setembro. A sua presença no final deste mês constitui uma preocupação para os anos seguintes, relativamente à evolução das fases de lenhificação, abrolhamento e consequente produção, pelo que os produtores ainda recorrem a tratamentos fitossanitários nesta fase.

Nos citrinos salienta-se a incidência de cochonilha algodão e afídeos.

A incidência de javalis nas plantações de milho de regadio e nas searas de arroz, com consequências na destruição das plantas, constituem um problema nestas culturas.

No arroz é referida a grande quantidade de infestantes nas searas e também a grande incidência de aves, nomeadamente cegonhas.

No tomate para indústria ocorreram problemas de fitossanidade a nível de míldio, ácaros e *Tuta absoluta*.



Prados, pastagens e culturas forrageiras: estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais; condições de alimentação das diferentes espécies pecuárias, importância do contributo de forragens verdes, fenos, silagens e rações industriais relativamente a igual período do ano anterior

No **Oeste** as pastagens são de sequeiro e em geral espontâneas, pontualmente melhoradas. Devido às condições climáticas de temperatura, neblinas e alguma pluviosidade, embora seja reduzida a disponibilidade de alimentação natural no campo, ainda se observavam pequenos ruminantes em pastoreio no final do mês. Os prados de forragens, onde se destacam o azevém e a aveia, no final do mês apresentavam restolhos. Apenas em novembro serão retomadas as atividades nos prados melhorados com azevém ou consociações, com o regresso das sementeiras. A produção de forragens para silagem este ano foi bastante melhor do que no ano anterior devido à disponibilidade de água no solo, com uma produtividade superior em cerca de 30% a 40%. Comparativamente ao ano anterior, o ano foi muito bom para forragens e pastagens, com maior capacidade de autoaprovisionamento de alimentação natural para os animais. Verificava-se um aumento de alimentos conservados e um maior equilíbrio na necessidade de suplementação com rações.

No **Médio Tejo** as pastagens permanentes de sequeiro encontravam-se em condições normais para a época, com os ciclos vegetativos fechados (secas), verificando-se no seguimento da precipitação ocorrida no final do mês o início de novo ciclo vegetativo, com a germinação das plantas. Mantém-se uma maior disponibilidade de matéria seca relativamente a igual período do ano anterior.

Os prados de regadio encontravam-se em bom estado vegetativo, sendo no final do mês reduzida a disponibilidade de água para rega em cerca de 80%. Verificaram-se boas condições de disponibilização de alimentação natural para as espécies pecuárias, tendo sido prática, no início do mês a disponibilização de alimentos conservados (fenosilagem) e iniciados os alimentos concentrados em algumas espécies pecuárias (bovinos).

Na **Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia**, tal como referido no mês anterior, continuou a haver, embora seco, pasto suficiente para a alimentação das vacadas nas explorações que puderam ir rodando o gado pelas diversas tapadas. Prevê-se que no próximo mês não deverá haver necessidade de os animais serem alimentadas à mão.

Na **Grande Lisboa** ocorreu o sexto corte da luzerna que se manteve em crescimento ao longo do mês. Foi possível manter em pastoreio pleno os efetivos explorados em regime extensivo durante todo o mês, sem grande necessidade de suplementação alimentar.



Na **Península de Setúbal** a quantidade de alimento nos prados e pastagens era já mais reduzida neste mês pelo que a alimentação animal recorreu um pouco mais a suplementação alimentar à base de rações. No entanto a situação era ainda muito mais favorável relativamente à verificada na campanha anterior.



Cereais praganos: andamento das colheitas; produção quanto a aspetos de quantidade, rendimento e qualidade dos produtos

No **Oeste** as colheitas de cereais praganos de outono-inverno ficaram concluídas entre o final de julho e o início de agosto. Mantém-se a informação avançada no mês anterior sobre a produtividade média e a qualidade dos cereais na região. Estima-se um aumento de produtividade, comparativamente ao ano anterior, de cerca de 15% no trigo mole e no trigo duro e de 20% na cevada. Na aveia estima-se uma produtividade semelhante à campanha anterior. Na fase final do ciclo cultural, o excesso de humidade devido à precipitação ocorrida na primavera e às neblinas persistentes, atrasou as colheitas e degradou a qualidade da produção de trigo e cevada. Parte da produção destinada à indústria alimentar teve de ser encaminhada para alimentação animal, nomeadamente para o fabrico de rações. A produção de aveia foi afetada pela forte incidência de ferrugem, diminuindo a produtividade e a qualidade inicialmente esperada. Parte da produção que se destinava para alimentação humana foi encaminhada para alimentação animal.

No **Médio Tejo** os cereais de outono-inverno encontravam-se com as colheitas concluídas. Na generalidade verificou-se um aumento das produções globais colhidas relativamente ao ano anterior, tendo em conta as condições meteorológicas favoráveis ocorridas ao longo dos seus ciclos vegetativos.

Na **Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia** terminaram as colheitas, registando-se um aumento generalizado de quantidades e rendimentos, contudo com diminuição de qualidade, sobretudo no trigo mole. Esta situação derivou das chuvas ocorridas imediatamente antes da colheita.

Na **Grande Lisboa**, prepararam-se os terrenos para os cereais praganos de outono-inverno.

Na **Península de Setúbal**, conforme referido em relatórios anteriores, devido às condições climáticas mais propícias ao desenvolvimento das culturas, prevêem-se produtividades superiores relativamente à campanha anterior.



Culturas arbóreas e arbustivas, nomeadamente vinhas, pomares de pomóideas, prunoídeas, citrinos e olivais: estado vegetativo; produção quanto a aspetos de qualidade e quantidade

Vinha (vinho) - No Oeste a vindima, que começou no início de setembro com a colheita das castas brancas e seguidamente das tintas, encontrava-se praticamente concluída no final do mês. A campanha foi muito exigente para os produtores em termos fitossanitários devido à elevada incidência de doenças criptogâmicas ao longo do ciclo cultural, as quais continuaram a exercer uma forte pressão junto à colheita, principalmente a podridão cinzenta e o míldio. A situação, no entanto, não foi idêntica em toda a região. Em alguns locais a incidência de podridão cinzenta nos cachos, que se manifestou na fase mais tardia do ciclo, manteve-se muito acentuada até à vindima, estimando-se nessas circunstâncias quebras de produtividade superiores ao previsto no mês anterior, que poderão ascender a cerca de 40% comparativamente ao ano precedente e uma qualidade inferior da produção, associada a perturbações no grau alcoólico e na qualidade fenólica do mosto. Noutros locais, onde de igual modo era esperado um agravamento da podridão cinzenta, as condições de vento e boas temperaturas, principalmente na segunda semana, promoveram uma secagem das infeções, que não foi revertida com a precipitação ocorrida no final do mês, circunstâncias que promoveram a melhoria da qualidade fitossanitária da uva colhida face ao esperado e obtenção de um grau médio/alto, superior ao da campanha de 2023, sendo a quebra de produtividade estimada na ordem de 20% face ao ano precedente, observada tanto nas castas brancas como tintas. Em termos globais, estima-se uma descida da produtividade média na região na ordem de 25% comparativamente ao ano anterior, devendo ser realçado que 2023 foi um ano de produtividades acima da média. De qualquer modo, o ano está a revelar-se difícil para os produtores. Desde logo, apresentou-se climatericamente adverso e o rendimento económico da cultura ficou bastante afetado pelo exigente calendário de tratamentos fitossanitários imposto devido à forte incidência de doenças criptogâmicas. Com a descida do preço pago ao produtor pela uva, a cultura poderá em muitos casos não apresentar rentabilidade e ocorrerem desistências nos próximos anos, principalmente de produtores de pequena dimensão.

No Médio Tejo no decorrer do mês na sua generalidade as vinhas encontravam-se com a vindima concluída e a decorrer dentro da normalidade. Relativamente às vinhas mais atrasadas por falta de maturação dos bagos a vindima foi iniciada no início do mês. Contudo a mesma não decorreu dentro da normalidade, pelo facto de as temperaturas mais baixas e o vento terem secado as folhas, as uvas tintas interromperam a maturação e começaram a mirrar, traduzindo-se numa vindima em que se procurou salvar o máximo possível. São perspetivados alguns vinhos tintos com pouca qualidade. É estimada uma quebra da produção global colhida em cerca de 20%.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia a vindima terminou a 16 de setembro. Existiu um decréscimo de produção de aproximadamente 14% face ao ano de 2023. As uvas apresentavam boa qualidade, pelo que são esperados bons vinhos.

Na Grande Lisboa deu-se o início das vindimas, dentro da normalidade, prevendo-se o seu término nos primeiros dias de outubro, com as castas tintas mais atrasadas que as brancas. Devido ao calor que se fez sentir, o grau alcoólico é superior quando comparado com anos anteriores.



No final do mês foram aplicados os devidos tratamentos fitossanitários contra o míldio e cicadelídeos (cigarrinha verde), de forma a manter as folhas e, conseqüentemente, coadjuvar na realização de fotossíntese das plantas, com vista a melhorar a produção da próxima campanha. As ocorrências de míldio e oídio, identificadas em meses anteriores, afetaram negativamente a produção e a qualidade das uvas. Registaram-se alguns casos de podridão cinzenta causada pelo fungo *Botrytis cinerea*, cujas condições de elevada humidade relativa e de temperatura foram propícias ao seu desenvolvimento, levando a uma quebra de qualidade dos cachos. Tal como referido em agosto, estima-se uma quebra da produtividade comparativamente à campanha anterior. Nesta região não se prevêem constrangimentos no escoamento de uvas para as adegas.

Na Península de Setúbal as vindimas decorreram ao longo do mês, estando previsto que decorram até meados de outubro. A uva colhida foi de qualidade média a elevada, dentro dos parâmetros normais, sendo que a pouca precipitação ocorrida no mês não teve conseqüências na qualidade nem no decorrer das vindimas. Em termos fitossanitários, e conforme referido anteriormente, os estragos provocados por ataques de míldio foram muito elevados, com conseqüente quebra na produção. A traça da uva não se verificou muito expressiva. A incidência da lagarta *Cryptoblabes gnidiella* provocou grandes estragos, essencialmente nas castas tintas, por ataque em todo o cacho, com conseqüência no menor peso obtido. Também se verificou a menor nascença de cachos, logo, menor produção. Os ataques de cigarrinha verde foram mais tardios que os verificados em anos anteriores, com maior incidência em agosto e em setembro. Conforme acima referido, a sua presença no final deste mês constitui uma preocupação para os anos seguintes. Houve situações pontuais de escaldão, principalmente na casta Moscatel por ter um porte mais desprotegido e por ser de maturação mais tardia. Relativamente à produção, o decréscimo não deverá ser tão elevado como referido no relatório anterior, estimando-se uma quebra na produção da ordem de 10% nas castas brancas e de 30% a 40% nas castas tintas. Na região continuam a verificar-se preços baixos nesta campanha, situação que não é benéfica para contrabalançar os elevados custos de produção da cultura, em termos de fertilizações, tratamentos fitossanitários, entre outros.

Vinha (uva de mesa) – No Oeste, no final do mês as variedades mais tardias encontravam-se em colheita. A qualidade da produção foi ligeiramente inferior à das variedades colhidas em agosto, em resultado das condições climáticas de humidade relativa elevada e de alguma precipitação, que acentuaram a pressão de pragas como a mosca da fruta e a cigarrinha verde, bem como a incidência de doenças, designadamente podridão cinzenta nos cachos e infeções de míldio nas folhas. Com o aumento dos problemas fitossanitários ocorreu alguma perda de qualidade relativamente à produção colhida no mês anterior, exigindo um acréscimo elevado de mão de obra na colheita, com expressão nos custos de produção. A produtividade estimada é cerca de 25% inferior comparativamente ao ano anterior. Estima-se que a colheita das variedades mais tardias se encontre concluída no final de outubro.

No Médio Tejo as vinhas na generalidade das castas encontravam-se com a vindima concluída e com uma boa amostra de frutos. Em termos quantitativos, estima-se nesta fase um aumento de produção global colhida de 20% quando comparado com igual período do ano anterior. Em termos qualitativos é refletida uma boa qualidade dos bagos.



Na Grande Lisboa os pomares de pomóideas encontravam-se com bom desenvolvimento vegetativo e em estado fenológico de frutos maduros, tendo-se realizado as colheitas de pera Rocha e de maçã. De salientar a evidência de carepa na pera.

Na Península de Setúbal mantém-se o referido nos relatórios anteriores: “A colheita de maçãs, que se iniciou no final de julho, terminou no final de agosto, com frutos de boa qualidade e bom calibre, sendo a produtividade superior à da campanha anterior. Relativamente à pera, a colheita iniciou-se na segunda semana de agosto e terminou na terceira semana desse mês. A qualidade da fruta colhida foi boa e com bons calibres, tendo havido muita fruta estragada, sem qualidade para comercialização. A produtividade foi idêntica à da campanha anterior. De referir que este ano se identificou a existência de fogo bacteriano em pomares de pereiras da região, situação que não se tinha verificado no ano passado.”

Citrinos – No Médio Tejo os pomares de limão encontravam-se com frutos em amadurecimento e era já visível a nova rebentação de folhas e de botões florais.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia o estado vegetativo dos pomares de laranja era razoável a bom, se bem que as árvores se tenham ressentido das temperaturas elevadas no final de agosto. No entanto, as últimas chuvas já contribuíram para a sua recuperação. O calibre da laranja, nos solos mais arenosos, é inferior ao ano transato. Como já vem sendo habitual, o mês de setembro é propício ao ataque de mosca da fruta. Foram feitos tratamentos com necessidade de continuar a monitorização durante o mês de outubro, pois estão previstas temperaturas ideais para a proliferação desta praga. Relativamente à previsão da produção, mantém-se uma quebra de pelo menos 20% em relação ao ano anterior.

Na Grande Lisboa os pomares de limoeiros encontravam-se em fase de floração, com diminuta quantidade de fruto apto para colheita. Registaram-se evidências de traça. As condições climáticas foram favoráveis ao desenvolvimento de doenças, tais como antracnose e alternariose.

Na Península de Setúbal manteve-se tudo na normalidade, com temperaturas mais amenas em relação ao ano passado, apresentando-se a cultura na fase de crescimento de fruto, com alguma incidência de cochonilha algodão e afídeos.

Olival – No Oeste a cultura tem uma expressão bastante reduzida e caracteriza-se essencialmente por áreas pequenas e dispersas de olival tradicional, sendo raro o sistema intensivo na região. No final do mês a azeitona encontrava-se em maturação e a colheita irá decorrer em outubro. Estima-se uma produtividade inferior ao ano precedente devido à precipitação ocorrida no final de abril e maio, que provocou queda de flor e menor número de frutos, além dos problemas fitossanitários, de gafa e mosca-da-zeitona principalmente, que causou muita queda de frutos prejudicando significativamente a produção. A qualidade esperada é idêntica à do ano anterior.

No Médio Tejo a cultura na sua generalidade encontrava-se no final do mês com a azeitona amadurecida e em início de colheita. Nesta fase, em especial nos olivais intensivos em termos quantitativos é mantida a estimativa de uma produção superior quando comparada com igual



período do ano anterior, em cerca de 25%. Em termos qualitativos é estimada uma boa qualidade da azeitona. Denotava-se, no entanto, nos olivais tradicionais que a azeitona já colhida se encontrava picada e com galerias provocadas pela mosca.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia continuaram a verificar-se focos de mosca da azeitona, com influência no amadurecimento precoce e queda de alguns frutos, sobretudo em olivais que não foram alvo de tratamentos fitossanitários. A campanha de colheita e extração de azeitona teve início na última semana do mês para as variedades Galega e Lentrisca.

Apesar da referida incidência de mosca nas últimas semanas, os azeites já produzidos apresentam ainda boa qualidade (acidez máxima 0,5^o). Contudo, alguns produtores têm referido a queda de bastante azeitona previamente à colheita. Em termos de quantidade, ainda é prematuro avançar com um prognóstico, mas espera-se uma produção, no geral das variedades, superior à da última campanha.

Figueiras – No Médio Tejo a colheita dos figos vindimos terminou em meados de setembro, quer na cultivar “preto de Torres Novas” quer na cultivar “pingo de mel”. As figueiras no final do mês encontravam-se a entrar na fase de repouso vegetativo. Em termos quantitativos é verificada agora uma produção idêntica em comparação com o ano anterior, contrariamente ao estimado nos meses anteriores. Verificaram-se, no entanto, figos com calibre inferior relativamente ao ano transato, quer no figo “preto de Torres Novas” quer no figo “pingo de mel”. Em termos qualitativos verificou-se que a precipitação ocorrida no início do mês afetou a produção de figos vindimos da cultivar “pingo de mel”, isto porque, a humidade provocou pequenas manchas pretas na superfície da epiderme o que desvalorizou os figos desta cultivar em fresco e em seco. Devido à cor da epiderme este problema não se verificou na cultivar “preto de Torres Novas”.

Na Grande Lisboa durante o mês as figueiras estiveram em repouso vegetativo, tendo a colheita decorrido nos meses de junho e julho. Efetuou-se uma pré-poda, verificando-se ataques de cochonilha nos tronquinhos para os quais se esperam resultados positivos de controlo com a poda a realizar em novembro.

Nogueiras – No Médio Tejo os pomares encontravam-se em bom estado vegetativo e com uma boa amostra de frutos, prevendo-se o início da colheita nas variedades de ciclo mais curto, em especial a Howard, na primeira semana de outubro e nas restantes variedades em meados de outubro. Em termos quantitativos, nesta fase é estimada uma produção idêntica ao ano anterior e em termos qualitativos uma boa qualidade dos frutos, contudo, só na fase da colheita se poderá avaliar o efeito da chuva na coloração do miolo.

Amendoeiras – No Médio Tejo a colheita de amêndoa estava terminada, encontrando-se as amendoeiras no final do mês a acumular reservas. Verificaram-se produtividades menores face ao ano anterior, estimando-se nesta fase uma variação da produção global colhida inferior em 20% a 30%. As amêndoas colhidas evidenciaram uma pior qualidade face ao ano anterior, justificada pela forte queda de granizo na fase inicial de desenvolvimento.



Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia a colheita encontrava-se concluída no final do mês. Ocorreram quebras de produção bastante acentuadas, devido a perdas na floração decorrentes da elevada precipitação verificada na primavera. Confirma-se o decréscimo de 10% na produtividade relativamente à campanha anterior.

Na Península de Setúbal a colheita da amêndoa foi efetuada durante este mês, verificando-se menor calibre relativamente a 2023. A falta de horas de frio e a precipitação ocorrida na primavera prejudicaram a floração e provocaram muita queda de flor. Em consequência verificou-se uma baixa produção, estimando-se um decréscimo de 40% relativamente à campanha anterior.



Culturas arvenses de sequeiro e regadio nomeadamente Milho, Arroz, Grão-de-Bico, Feijão, Tomate (para indústria) e Girassol: estado vegetativo; disponibilidade de água para rega; andamento das colheitas; produção quanto aos aspetos de quantidade, rendimento e qualidade dos produtos

Milho de regadio - No Oeste no final do mês as searas mais adiantadas de milho para grão encontravam-se em fase de senescência das folhas da planta (perda gradual da coloração verde) e com o grão a secar, estando a colheita prevista para o início de outubro. Algumas searas poderiam ter sido colhidas já no final de setembro, mas a chuva ocorrida entre os dias 24 e 26 atrasou as colheitas devido ao aumento de humidade no grão. Nas searas mais atrasadas a colheita está prevista ocorrer na segunda quinzena do mês de outubro. Houve boa disponibilidade de água para rega ao longo da cultura. Estima-se uma produtividade semelhante à do ano anterior e uma qualidade idêntica. No que respeita ao milho forrageiro, as colheitas terão início em outubro e irão decorrer ao longo do mês. As searas apresentavam-se em bom estado, estimando-se uma produtividade superior ao ano precedente em cerca de 20%.

No Médio Tejo a cultura de milho de regadio encontrava-se na generalidade no estágio de maturação do grão, tendo sido já iniciada a colheita em meados de setembro em campos com a cultura mais avançada. Verificou-se, no entanto, que a precipitação ocorrida no final do mês não foi favorável à secagem do grão, atrasando a oportunidade de colheita. Estima-se nesta fase um ligeiro acréscimo da produtividade face ao ano anterior em cerca de 10%, contudo, ainda não foi possível obter uma estimativa da variação da produção global relativamente ao ano anterior. Mantêm-se identificados estragos sérios causados pelos javalis.

Na Lezíria do Tejo estima-se um ligeiro aumento de produtividade. A campanha já foi iniciada. Atualmente cerca de 10% está recolhido, obtendo-se um ligeiro aumento de rendimento e quantidade, mantendo-se a qualidade. No Baixo Sorraia o estado vegetativo do milho estava na fase de maturação/secagem em campo. Houve sempre disponibilidade de água para rega. Iniciou-se a colheita na última semana de setembro a ritmo baixo. Como o tempo foi seco e com temperaturas altas os produtores optaram por deixar o milho a secar no campo para reduzir os custos de secagem. Prevê-se menor produtividade e relativamente à qualidade, ainda não existem dados.

Na Grande Lisboa no final do mês as plantas encontravam-se com desenvolvimento vegetativo normal, em fase de amadurecimento, mas ainda com cerca de 25% de humidade, estimando-se o



início da colheita durante os primeiros dez dias de outubro altura em que, se as condições climáticas o permitirem, o milho atingirá 18% a 20% de humidade. Prevê-se uma produtividade semelhante à da campanha anterior. As condições climáticas observadas foram favoráveis à cultura. Conforme referido ao longo da campanha, a presença de javalis nos milheirais causou alguns estragos irreversíveis, sobretudo por espezinhamento das plantas, pese embora ainda não seja uma situação muito preocupante. De salientar os desafios económicos que a cultura atravessa quando comparados com outros estados-membros, sobretudo no que concerne ao custo de secagem do milho que noutros países atinge valores muito inferiores, por vezes cerca de metade relativamente ao que se pratica em Portugal.

Na Península de Setúbal a colheita iniciou-se no final de setembro e está prevista que decorra até meados ou finais de novembro. A colheita será interrompida nos períodos de precipitação que ocorram durante esta fase, sendo retomada quando as condições da planta e do solo o permitam. A qualidade colhida é boa. Relativamente à produtividade, ainda é cedo para estimar, mas prevê-se que possa ser inferior à da campanha anterior. A incidência de javalis nas plantações de milho, com consequências na destruição das plantas, continua a verificar-se como sendo uma preocupação para o agricultor.

Arroz - No Oeste a cultura apresentava um desenvolvimento normal para a época, encontrando-se as searas no final do mês com plantas a evidenciarem espigas bem definidas e com o grão na fase de quebra de humidade (fase final de secagem do grão). Estima-se uma produção idêntica a um ano considerado normal. No entanto, a chuva ocorrida no final do mês poderá provocar acama nas searas diminuindo a qualidade do arroz e o rendimento industrial da cultura por aumento da quantidade de trinca. Também a colheita do grão com humidade mais elevada poderá aumentar os custos associados à secagem, o que preocupa os produtores dado que o valor comercial do arroz está em queda no mercado, encontrando-se cada vez mais esmagada a margem de rendimento económico dos produtores com esta cultura. A colheita está prevista para a última semana de outubro.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia o estado vegetativo estava entre o grão leitoso e grão maduro. As colheitas deram início a meio do mês.

Na Grande Lisboa iniciou-se a colheita dos arrozais semeados mais cedo, em abril, que estavam em fase de espigamento e amadurecimento. Prevê-se o término da colheita para início de novembro. Espera-se uma produtividade idêntica a um ano dito normal. Durante o mês ainda se fizeram adubações em arrozais semeados entre maio e junho. As infestações de milhãs (*Echinochloa*) estiveram parcialmente controladas, não sendo oportuna a aplicação de quaisquer tratamentos. Manteve-se alguma presença de lagarta que se revelou difícil de combater por falta de produtos certificados. Contudo, neste mês esta praga não se considerou preocupante pois o arroz já estava em fase de amadurecimento. As condições climáticas foram, em geral, favoráveis às searas de arroz, no que concerne ao binómio temperatura/humidade registadas. Relativamente ao rendimento económico, assinalam-se preços difíceis de competir com outros países, tais como a Austrália e os Estados Unidos, sobretudo no que diz respeito ao arroz carolino cuja exportação para os países árabes é, atualmente e contrariamente a épocas anteriores, inexistente.



Na Península de Setúbal a ceifa iniciou-se a 19 de setembro na zona da Marateca e no final do mês na zona de Rio Frio. Está prevista que decorra até novembro ou dezembro, dependendo das interrupções que possam ocorrer devido à precipitação. O período mais forte da colheita será o mês de outubro. Em termos fitossanitários não ocorreram problemas de relevo, sendo de salientar a grande quantidade de infestantes na seara. Também a grande incidência de aves, nomeadamente cegonhas e os javalis constituem um problema na cultura, com consequências na menor produção colhida. Relativamente à qualidade, apenas na fábrica será determinada. A produtividade estima-se que seja inferior à da campanha anterior.

Grão-de-Bico - No Oeste a cultura ocupa uma área muito reduzida. O grão-de-bico foi colhido no início de setembro e apresentava boa qualidade. A produtividade média foi superior ao ano precedente.

No Médio Tejo a cultura instalada em abril/maio encontrava-se no final do mês em colheita, ainda sem informação sobre a produção quanto a aspetos quantitativos e qualitativos.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia a campanha já se encontrava concluída. As produções foram inferiores este ano.

Feijão (seco) - No Oeste a colheita das sementeiras mais tardias, instaladas no fim de maio, encontrava-se praticamente concluída no final do mês. A produção é considerada de boa qualidade e a produtividade semelhante à das searas mais precoces, sendo a produtividade média da cultura superior ao ano anterior. O receio de diminuição da produtividade nas searas mais tardias devido a problemas de míldio nas folhas, identificado no mês anterior, não se concretizou. Devido à disponibilidade de água no solo ao longo do ciclo cultural, apenas muito pontualmente houve necessidade de rega.

No Médio Tejo encontrava-se concluída a colheita, mantendo-se em termos quantitativos a estimativa de um ligeiro aumento de produtividade (3%) relativamente ao ano anterior.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia iniciou-se a colheita no final do mês. Ainda não existem dados em relação à produção.

Tomate-indústria - No Oeste cerca de 90% da área instalada encontrava-se colhida no final do mês, prevendo-se a conclusão nos primeiros dias de outubro. Concretizou-se a previsão avançada no mês anterior, de menor produtividade em algumas searas por não ter sido cumprido o intervalo de segurança necessário entre a incorporação no solo da cultura de cobertura de nabo forrageiro e a plantação do tomate, de forma a normalizar a acidez do solo. Estima-se uma produtividade média inferior em cerca de 15% comparativamente ao ano anterior. A qualidade é considerada boa. Os frutos apresentam calibres menores, boa cor e bom *brix*. Existiu boa disponibilidade de água para rega ao longo da cultura.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia no final do mês a colheita estava realizada em cerca de 90%, registando-se uma ligeira diminuição de produtividade e de qualidade devido a alguns problemas



de sobrematuração dos frutos no decorrer da campanha e também pelo efeito de pragas e doenças. No entanto, os parâmetros de qualidade de grau *brix* e cor encontravam-se semelhantes (valores aceitáveis) aos da campanha anterior. A presença de chuva no período de 24 a 26 de setembro levou a algumas interrupções das colheitas que retomaram a normalidade assim que o tempo o permitiu. Prevê-se a finalização das colheitas até ao início de outubro. A disponibilidade de água para rega manteve-se estável.

Na Grande Lisboa durante o mês decorreu a colheita, prevendo-se o seu término para o início de outubro. Nas áreas em final de colheita a *Tuta absoluta* surgiu com maior evidência e foi mais difícil de controlar. Também se assinalou em algumas áreas a presença de ácaros bem como de mosca branca. A chuva no final de setembro contribuiu para um aceleração da maturação, mas sem ocorrência de estragos na cultura. Prevê-se uma quebra de produtividade relativamente à campanha anterior, devida às chuvas e queda de granizo aquando da plantação, como referido em relatórios anteriores.

Na Península de Setúbal a colheita estava praticamente terminada no final do mês, sendo que estará concluída nos primeiros dias de outubro. A qualidade do tomate colhido foi média. Ocorreram problemas de fitossanidade a nível de míldio, ácaros e *Tuta absoluta*, com consequências no decréscimo de produção nas zonas de maior intensidade de ataques, bem como numa menor qualidade do tomate colhido. A produtividade deverá ser idêntica à da campanha anterior.

Girassol - Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia a campanha já se encontrava concluída. As produções foram regulares. A disponibilidade de água foi suficiente até ao final da cultura.

Na Grande Lisboa a cultura apresentava-se em fase de maturação, tendo sido iniciada a colheita nos últimos dias de agosto encontrando-se praticamente toda concluída em setembro, à exceção das sementeiras mais tardias. Perspetiva-se o prolongamento da colheita em algumas áreas para a primeira semana de outubro, devido à precipitação ocorrida nos últimos dias de setembro, que contribuíram, apesar de residualmente, para uma humidade excessiva da planta. Como referido em relatórios anteriores, a baixa rentabilidade económica que se tem verificado na cultura em geral, levou a um decréscimo da área semeada de girassol para alimentação, situação que é inversamente proporcional à produção de girassol para semente, sendo esta comercializada a melhor preço para toda a União Europeia devido à sua elevada qualidade. A presença de javalis nas searas é considerada uma praga, cuja destruição das plantas por espezinhamento foi prejudicial.



Colheita das culturas de batata de sequeiro e regadio: como decorreu; produção quanto aos aspetos de quantidade, rendimento e qualidade dos produtos

Batata de regadio - No Oeste a colheita encontrava-se concluída no final do mês. Embora não exista ainda um balanço com informação precisa da campanha, confirma-se a previsão avançada nos meses anteriores de descida da produtividade média relativamente ao ano precedente, que poderá



ser na ordem de 30%. A qualidade apresenta-se semelhante ao ano anterior, embora com calibres inferiores e com necessidade de alguma escolha devido à incidência de insetos de solo ou devido a algum esverdeamento ocorrido em solos de textura mais ligeira ou com menor disponibilidade de rega.

No Médio Tejo a cultura de batata de regadio (para indústria) encontrava-se com a colheita finalizada. Nesta fase confirmou-se uma menor produção em comparação com igual período do ano anterior. A qualidade do produto colhido foi considerada boa. Os motivos do menor rendimento da cultura, já antes referidos, prendem-se com o impacto negativo das condições climáticas ocorridas na fase de plantação pelas chuvas intensas e alagamento dos campos, que foram muito desfavoráveis.

Na Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia a campanha terminou na última semana de setembro, com uma produtividade média mais baixa em relação ao ano anterior, devido às condições climáticas que se fizeram sentir na primavera, precipitação e temperaturas elevadas. A produção teve uma quebra e uma qualidade razoável. Estima-se uma produção inferior em cerca de 15% comparativamente à campanha anterior.

Na Península de Setúbal a colheita da batata de regadio terminou em meados do mês de agosto. Mantém-se o referido em relatórios anteriores: *“as elevadas precipitações, principalmente na última semana de março, provocaram aborto de tubérculos e infeções por ataques de mildio, levando à morte total ou parcial de plantas, o que explica o decréscimo da produtividade em cerca de 20%, apesar de a qualidade não ter sido muito afetada”*. De salientar que as primeiras colheitas foram de menor qualidade e de produção mais baixa, sendo que nas últimas colheitas a qualidade e a produção foram melhores.

Batata de sequeiro – No Oeste a colheita ficou concluída no mês de agosto. Mantém-se a informação avançada nos meses anteriores de quebra acentuada na produtividade, estimando-se que em média seja de 50% no Alto Oeste e de 60% no Baixo Oeste, muito variável entre produtores, e uma qualidade inferior na generalidade.

8 de outubro de 2024